

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

INTRÓITO.

ALVES, José Maria Gomes

Ano: 1975 | Número: 85

Como citar este documento:

ALVES, José Maria Gomes, Intróito. *Revista de Guimarães*, 85 Jan.-Dez. 1975, p. 5-6.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmento.uminho.pt

URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Intróito

Vai passado mais um ano da existência já longa desta Revista de Guimarães, que teima em percorrer os caminhos da cultura sem se perturbar com o andar dos anos, a inexorável substituição dos homens, a inevitável transformação das sociedades e do pensamento em geral.

Está a oito anos de atingir a idade centenária!

Iniciou a sua publicação em 1884 e conta actualmente oitenta e cinco tomos, muitos dos quais constituem de há muito autênticas raridades bibliográficas.

Vale bem a pena passar os olhos por todos esses estratos de cultura, compulsar as páginas brilhantes de saber de tantos quantos lhe ofereceram o seu concurso e foram muitos e muito ilustres, para se aquilatar do indiscutível valor desta obra enorme, toda dedicada ao Homem.

Efectivamente, a Revista de Guimarães, órgão da vetusta Sociedade Martins Sarmiento, consagrou desde sempre as suas páginas aos estudos Humanísticos, nomeadamente à História, à Etnografia, à Arqueologia, enfim a todo o vasto campo da Antropologia Cultural, onde sem falsa modéstia, possui obra reconhecidamente válida.

Grandes responsabilidades, por isso, cabem aos seus promotores, que, contudo as não enjeitam ainda que com redobrados sacrifícios.

Quando ao tomar consciência dos caminhos já percorridos e ao reflectir nos caminhos a percorrer face às solicitações do munus intelectual, agora muito mais aberto e sobrecarregadamente político, que nos envolve e domina, ávido de horizontes novos e porventura mais dirigidos à felicidade e esclarecimento dos povos, depara-se-nos o seguinte dilema:

— *prosseguir o caminho traçado, laboriosamente conquistado e persistir nos mesmos métodos e incidência de matérias, ou*

— *procurar novos rumos, com extensão a novas esferas de conhecimento, entrando deliberadamente nas ciências, nas artes e nas letras, nos seus variegados domínios sem quaisquer limitações?*

Por outras palavras, será de manter ou será de abandonar o carácter conseguido e tenazmente mantido de Revista de especialidade onde, em boa verdade, obteve prestígio e distinção notáveis? Esta é a questão dominante para quem tem de continuar e para a qual se pede uma lúcida opinião de todos aqueles, leitores e colaboradores que, tal como nós, continuam interessados nesta obra.

Aqui fica o apelo sincero de quem pretende apenas e somente servir a cultura e o seu país.

Mas, neste momento, existe ainda um outro tipo, muito lamentável de preocupação.

É o das dificuldades financeiras que se acumulam e se tornam dia a dia mais insuperáveis.

Os recursos já de si limitados e manifestamente exíguos de que dispõe, actualmente, a Sociedade Martins Sarmento, desde sempre sobrecarregada com a manutenção das suas Bibliotecas e Museus e ainda com a dispendiosa conservação das Citânias de Briteiros e Sabroso, têm ainda de fazer face às despesas com a publicação da Revista, cujo elevado custo, nos últimos tempos e pelas razões de todos conhecidas, se torna quase insuportável.

A extinta Junta Distrital de Braga subsidiando-a, posto que, neste momento, muito insuficientemente, tem sido contudo o seu maior suporte.

Esperamos confiadamente que, concretizada a reformulação dos órgãos do poder regional, possamos desafogadamente dispor de verbas mais dilatadas e ver definitivamente resolvido este problema e até conseguir corresponder, novamente, às obrigações para com os nossos dedicados colaboradores, com a oferta de separatas.

Até lá resta-nos pedir compreensão e continuar a luta na qual não cuidamos de desmerecer, até porque a causa nos merece o esforço dispendido.

GOMES ALVES